



**cada leitura,
uma experiência**

EVANGELIZAÇÃO NA CIDADE

Mateus Feliciano

Com prefácio de Ariovaldo Ramos

SUMÁRIO

Prefácio	7
Introdução	9
1. BASES BÍBLICAS DA IGREJA	13
Povo de Israel	14
A nova aliança	15
A Igreja como modelo de uma nova humanidade	17
A novidade da Igreja	20
Jesus como o paradigma da Igreja	22
2. EVANGELIZAÇÃO: BASES BÍBLICAS	25
A grande (Co)Missão: Mateus 28.16-20	25
Teologia e evangelização	30
Como, porquê e para quê?	31
3. EVANGELIZAÇÃO E VIDA CRISTÃ	35
Motivação para a evangelização	36
O conteúdo da evangelização	37
4. O REINO DE DEUS	47
Dentro do mundo (valores não-cristãos)	49
A missão do Reino de Deus	50
Sinais do Reino de Deus	52
5. MISSÃO URBANA	57
A figura da cidade	58
As cidades	59
Principais problemas das cidades	61
A urbanização na evangelização	62

6. JESUS CRISTO COMO O	
MODELO PARA A EVANGELIZAÇÃO	69
A missão de Cristo é a missão da Igreja	69
7. O CONCEITO BÍBLICO DE MISSÃO	79
Missões e missão	79
Missões transculturais	81
Quebrando paradigmas missionários	82
Talentos, dons, fruto e vocação para a missão	85
8. MISSÃO E EVANGELIZAÇÃO	87
Missão e salvação	87
Evangelização e libertação	91
Evangelização e discipulado	93
Evangelização <i>versus</i> discipulado	94
9. A IGREJA	97
O que é a Igreja	97
Igreja local	102
Tipos de Igrejas	110
Conclusão	121
Referências	123
Recomendações	125

PREFÁCIO

A cidade é um fenômeno complexo e universal. A maioria dos seres humanos vivem na cidade. Logo, evangelizar é, cada vez mais um desafio urbano.

Mateus Feliciano reconhece a urbanidade da maioria dos seres humanos. No Brasil, por exemplo, há quem afirme que o ser humano rural desapareceu, dando lugar à cultura urbana. Ainda que a pessoa more na área rural.

De fato, evangelizar, hoje, tem o desafio de vencer uma vida urbana que, como propõe o autor, rouba o tempo das pessoas. Porém, a Igreja tem o Cristo, que segundo o autor, é o modelo de evangelização que propôs. E o seu modelo está repleto de boas obras, de milagres, de feitos extraordinários. Assim, a evangelização extrapola o discurso e se torna demonstração do amor do Cristo. E, essa demonstração, promove, por decorrência, a consciência da justiça.

Passa, portanto, a ser uma busca pela igualdade entre os seres humanos, para além da conversão pessoal, sem, porém, a desprezar. Dessa forma, o discurso ganha plasticidade, isto é, a Igreja se torna modelo do que prega.

Propõe, também, o autor que evangelizar inclui, necessariamente, o discipulado. A Igreja, portanto, não é mera espectadora da salvação, mas, também, instrumento de santificação, por meio de seu ensino. A Evangelização Urbana é, nesse texto, uma jornada constante que passa pelo discipulado e participa da santificação do evangelizado. Dessa forma, a Igreja local deve ser um farol a dissipar as trevas, levando o discipulado à luz.

Tem de ser uma igreja, também, de mestres, coroando o trabalho de pastor, enquanto esse apascenta a vida que recebeu do evangelista. Evangelista, este, que pode ter alcançado pela pregação, ou pelas boas obras, por meio de efetivos atos de transformação da realidade, como Igreja a recebeu.

Que a leitura desse texto do Feliciano provoque a mudança de ministério e ministério de mudança.

Ariovaldo Ramos

Ex-membro do Conselho de Segurança Alimentar. Presidente da Visão Mundial. Líder do Movimento Missão na Íntegra. Participa na coordenação da Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito. Laureado com o título de Hóspede Oficial da cidade de Bauru, com o título de Cidadão Paulistano e com o prêmio Santo Dias por sua atuação na luta pelos Direitos Humanos.

INTRODUÇÃO

Muitos significados são dados ao termo evangelismo. Se perguntarmos o que ele significa para cada cristão, certamente ouviremos várias explicações diferentes. Isto acontece porque a palavra ‘evangelismo’ está mais relacionada à ação do que propriamente a um conceito.

Durante os movimentos de evangelização no Brasil e no mundo muitas estratégias foram desenvolvidas. Uma das mais utilizadas foi, por exemplo, a do evangelismo de ‘porta-em-porta’. O(a) evangelista ia em cada casa para falar sobre o plano de salvação para os residentes daquela residência, geralmente sem aviso prévio ou agendamento, contando com o fato de que os moradores teriam tempo e desejo em ouvir o que ele(a) tinha a dizer. Este tipo de estratégia, em centros urbanos e em uma sociedade contemporânea, é quase impossível de se realizar devido a uma série de razões, entre elas, a da falta de tempo, confiança e interesse das pessoas nos assuntos religiosos.

Outra estratégia de evangelismo que já foi muito utilizada, e continua em voga, é a distribuição de folhetos evangelísticos. São panfletos que contém uma mensagem

e o contato da igreja e/ou organização que os distribuem. Ela também perdeu espaço na cultura líquida atual, por motivos semelhantes ao do evangelismo de porta-em-porta, adicionando-se ainda um problema grave de sustentabilidade ambiental e econômica devido ao uso de papel.

Em vista dos antigos e diversos usos do termo ‘evangelismo’, e o sentido que ele adquiriu em relação às estratégias empregadas, iremos fazer uso de outra palavra que entendemos ser mais completa e comunica mais dinamismo na ação da transmissão do evangelho: a evangelização.

Na tentativa de encontrar uma definição razoável para a palavra ‘evangelização’, recorreremos a René Padilla, que a descreve como um: “anunciar as boas novas de Jesus Cristo por palavras e ações àqueles que não o conhecem, com a intenção de que, pela obra do Espírito de Deus, as pessoas se convertam a Jesus Cristo com o propósito de restaurar a relação consigo mesmo, com o próximo e com Deus”.¹ Trata-se de uma boa definição, pois consegue resumir de maneira completa e clara a ideia de evangelização.

Com base na definição de Padilla podemos argumentar que a evangelização é algo atemporal, um dever do cristão a todo tempo, enquanto o evangelismo envolve ações temporais que servem para um determinado grupo

1

PADILLA, C. René. *O que é Missão Integral*. Viçosa, MG: Ultimato, 2009.

de pessoas, dentro de uma determinada cultura e em um espaço determinado de tempo. Mas, podemos afirmar também que Deus utiliza as práticas de evangelismo para cumprir os seus propósitos de comunicação do Evangelho em todo o mundo.

Padilla é feliz em sua descrição, pois não somente remete aos aspectos teóricos da evangelização, mas às ações concretas. Em muitas ocasiões poucas atitudes falam mais de Jesus do que muitas palavras, conforme a frase atribuída a Francisco de Assis: “Pregue a palavra, se for preciso use palavras”. Não se sabe certamente se estas palavras são de fato de Assis, mas como canta Jorge Camargo: “A vida de Assis mostrou ser verdadeiro este dito”. Neste caso, compreender o conceito de evangelização é importante, mas desde que em relação à sua práxis.

1.

BASES BÍBLICAS DA IGREJA

Em Gênesis 15.1-21, Deus firma sua aliança com Abraão dizendo que iria protegê-lo, que daria a ele uma posteridade e que ele seria grande. Abraão desenvolveu-se na fé, pois creu em Deus. As ações de fé de Abraão foram importantes para a realização da aliança, um pacto firmado por meio de um rito.

Antigo rito de aliança (Jr 34.18). Os contraentes passavam entre as carnes sangrentas e chamavam sobre si a sorte que coube a estas vítimas, se transgredissem seu compromisso. Sob o símbolo do fogo (cf. a sarça ardente, Êx 3.2; a coluna de fogo, Êx 13.21; o Sinai fumegante, Êx 19.18) é Iahweh quem passa, e passa sozinho, porque sua aliança é um pacto unilateral (Gn 9.9). É compromisso solene, selado por juramento imprecatório (a passagem entre animais divididos).

Em Gn 28.13-20 Deus confirma a Jacó a aliança feita com Abraão. Em Êx 2.23-25, 6.8 e 19.3-24.18 Deus novamente confirma sua aliança, agora com o povo de Israel e com Moisés, por meio da entrega dos mandamentos: “o sangue espalhado sobre o altar e sobre o povo e a leitura solene do livro da aliança são elementos essenciais do rito. A significação para todo o Israel é expressa pelas doze estelas (colunas de pedra)”.

Povo de Israel

Em Gn 35.9-10 Deus muda o nome de Jacó para Israel, e, em Gn 35.11-13, relembra a aliança feita com Abraão. Em Gn 49.1-28 são sinalizadas as tribos de Israel, formadas a partir dos doze filhos de Jacó (Israel). Outro fato importante é que Moisés, por conselho de seu sogro Jetro, instituiu juízes para auxiliar na liderança do povo (Êx 18.13-27). As leis foram dadas como um modo de organização do povo e da sociedade que eles constituíam, e em vista disso (Êx 19-24) Deus, através de Moisés, entrega a ele o código da aliança com os dez mandamentos como centro e base para a série de leis que seriam instituídas a partir de então. Elas visavam instruir o povo para que soubesse o que fazer para servir a Deus.

Um local para as cerimônias religiosas do povo foi estabelecido: o Tabernáculo, que seria um símbolo da

presença de Deus entre eles. Os capítulos 25 a 31 de Êxodo registram as prescrições referente à construção desse santuário, dadas por Deus a Moisés.

Em Dt 6.1-13, Deus mostra ao povo qual deve ser a motivação correta para o cumprimento da lei. Ele deixa claro que ela não era simplesmente para ser obedecida como mera regra, mas o amor à Deus e às pessoas deveria ser a principal razão de sua obediência.

O povo ainda não havia chegado à Terra Prometida, e Deus os instruiu no deserto, anunciando que ele foi chamado para ser um povo separado por ele, para cumprir uma missão no mundo em prol da salvação da humanidade (Dt 7.1-16).

Em Is 49.1-26 compreendemos melhor a missão que Deus tem pra toda a humanidade, desde suas origens, conforme ensina o livro de Gênesis. Mas a missão do povo de Israel é a co-participação na própria missão de Deus.

A nova aliança

Em Jesus é firmada uma nova aliança, conferindo novos significados à antiga. Ela não a substitui, mas traz novas possibilidades de seu cumprimento. O que antes era feito a partir da linhagem de Israel, agora é feito a

partir daqueles que têm suas vidas em Cristo, como ensina Hb 8.6-13.

No Antigo Testamento, por causa de Israel, a ideia de um povo de Deus é muito forte. Israel girava ao redor de três verdades: um Deus, um povo e uma terra. A Igreja gira ao redor de três verdades: um Salvador, um povo e uma pátria celestial (Hb 11.16). Das três verdades do Antigo Testamento, permanece o conceito de povo santo. Israel era povo porque Iahweh era seu Pai (Êx 4.22-23). Um povo, nos tempos do Antigo Testamento, remontava a um ancestral comum, assim como Israel² em relação aos patriarcas e a Igreja em relação à Jesus.

O povo de Deus agora não é mais um povo local, geográfica e politicamente delimitado, mas são pessoas de todo o mundo que aceitaram o sacrifício do Cristo para sua salvação. Paulo explica isso em sua carta à comunidade de Corinto (I Cor.12.12-30). A Igreja é o povo de Deus, herdeira e sucessora na eleição de Israel. Neste sentido, lemos em Mt 21.43: “Portanto eu vos digo que vos será tirado o reino de Deus, e será dado a um povo que dê os seus frutos”. O reino foi tirado de Israel e dado à Igreja. Em 1Pe 1.1 ela é chamada de ‘peregrinos da dis-

2

COELHO FILHO, Isaltino Gomes. *Apostila de Teologia Sistemática 1*. Campinas, sp. pp. 90-91.

persão', título anteriormente concedido a Israel. Em 1Pe 2.9-10, quatro títulos pertencentes a Israel lhe são atribuídos: *geração eleita, sacerdócio real, nação santa e povo adquirido*. Compare estes títulos com Êx 19.6 e Is 43.20-21. Ela foi chamada das “trevas para a sua maravilhosa luz”, como Israel fora chamado do Egito (Os 11.1). Israel era o projeto e a Igreja, a consecução. Israel foi o rascunho e a Igreja veio a ser o modelo definitivo. Deus não tem dois povos. Só um, seu povo santo no mundo e na história. “O povo de Deus é a Igreja”³.

A missão da Igreja, portanto, possui relação teológica com a missão de Israel, de sinalizar o Reino de Deus neste mundo (Jo 17.1-26), aquele a quem a missão pertence verdadeiramente. Deus e sua missão não mudam, mas a humanidade muda e o mundo que ela constrói, daí a importância que a missão seja encarnada na realidade.

A Igreja como modelo de uma nova humanidade

A Igreja é o povo de Deus, formada por Deus por ele e a partir da obra de Jesus Cristo. Ela está chamada a ser sua testemunha no mundo. Como uma nova humanidade ela deve também ser testemunha da nova vida em Cristo. A Igreja é constituída de pessoas regeneradas por Jesus, que, agora transformadas, expressam um novo jeito

3

Ibidem, p. 86.